



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai – IDEAU



REI
REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 11 – Nº 23 – Janeiro - Junho - 2016

Semestral

ISSN: 1809-6220

Artigo:

**INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NOS ESPAÇOS SÓCIOS CULTURAIS
ESCOLA DE CAMPO**

Autores:

FERREIRA, Gislaine¹, GASPARETTO, Tatiane¹, TOAZZA, Mairon¹, BARRO, Dânia²,
DELLANI, Marcos², GOMES, José Ricardo², SILVA, Lisiane Borges², ZAAR, Andriago²

¹ Acadêmicos do Curso de Educação Física - Nível II - Faculdade IDEAU

² Docentes do Curso de Educação Física – Faculdade IDEAU

INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA NOS ESPAÇOS SÓCIOS CULTURAIS

ESCOLA DE CAMPO

RESUMO: O objetivo do presente trabalho é analisar como são aplicadas as aulas de EF nas Séries Iniciais e no Ensino Fundamental nas Escolas de Campo. O método utilizado para o presente artigo foi um questionário, abordando questões relacionadas à área, juntamente com pesquisas e leitura de artigos, livros e textos onde se procurou abordar e repassar as ideias dos autores sobre a EF nas Séries Iniciais e Ensino Fundamental. Como conclusão percebeu-se que nas Escolas de Campo os professores tem uma grande preocupação referente à EF, sempre querendo buscar soluções para o melhor desempenho de seus alunos. Várias questões foram abordadas referente às dificuldades e contribuições da EF, estas questões nos fazem refletir que devemos cada vez mais despertar o interesse do nosso aluno mediante as aulas a serem ministradas.

Palavras-chave: Educação Física; Escola de Campo; Dificuldades; Contribuições.

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze how PE classes in the early grades in elementary school and in the Field Schools are applied. The method used for this article was a questionnaire addressing issues related to the area, along with research and reading articles, books and texts where it sought to address and pass on the ideas of the authors on the EF in the early grades and elementary school. As a result it was realized that the Field Schools teachers have a major concern regarding EF will, always wanting to find solutions for the best performance of his students. Several issues were addressed regarding the difficulties and contributions of EF, these issues make us think that we must increasingly arouse the interest of our students through the lessons to be taught.

Keywords: Physical education; Field school; Difficulties; Contributions.

1 INTRODUÇÃO

A temática da infância tem sido objeto sistemático de estudos desde os séculos XVIII e XIX, sendo que registros de propostas educacionais para crianças se fazem presentes desde a Antiguidade Clássica, com ênfase maior a partir do século XVII. No século XX, essas pesquisas intensificaram-se e especificamente a partir da segunda metade desse século, a infância passou a ser abordadas em diferentes contextos e nas mais diversas áreas de conhecimento. A autora entende a infância como construção social, que reflete as variações da atividade humana, portanto, das relações de produção existentes na realidade. Nessa perspectiva, consideramos a criança como sujeita de relações sociais, que se encontra inserido num determinado contexto social (Nara Rejane, 2005).

Betti e Zuliani (2002) nos dizem que a Educação Física (EF) enquanto componente curricular da Educação Básica deve assumir a tarefa de introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la,

instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida.

Para isso, Tarcísio Mauro Vago (2009) nos apresenta cinco maneiras de pensar a Educação Física na escola: pensar o lugar da EF, a escola; pensar os humanos que produzem a escola e a EF; pensar professores e estudantes como sujeitos praticantes de uma experiência cultural; pensar o humano direito ao corpo e os desafios postos à EF; e então pensar a EF na Educação Básica como projeto de formação cultural da infância e da juventude.

Para Godoy (2006), historicamente, a Educação Rural está fora da agenda política do país, seja por parte do MEC ou das Secretarias de Educação dos Estados da federação. A Educação Rural, ignorada e marginalizada, foi reduzida a escolinha rural, á professora desqualificada e ás massas de analfabetos. Fica evidente que há muito tempo faltam políticas educacionais referentes á realidade camponesa. Nesse sentido, é necessário abrir o debate com o CONED, ANPED e CNTE.

Segundo Marin (2010) o contexto atual evidência a necessidade de o campo educacional voltar o olhar para a diversidade que compõem o social. É importante destacar que, embora os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010) apontem que 84,30% dos brasileiros residem em áreas urbanas, se levarmos em conta os critérios estruturais e os funcionais, identifica-se, tal como argumenta Veiga (2004), um percentual de 30% da população vivendo em áreas rurais e 20% em áreas intermediárias entre o urbano e o rural.

Assim, o objetivo do nosso estudo foi compreender e analisar mediante a um questionário quais as dificuldades encontradas pelos professores nas aulas de EF do Ensino Fundamental e Ensino Médio das Escolas de Campo. As contribuições mais relevantes, os meios e métodos utilizados para tornar as aulas mais atrativas.

METODOLOGIA

A presente pesquisa foi realizada com Cinco profissionais da área de EF entre 22 e 40 anos de idade nas cidades: Erechim, Ponte Preta, Marcelino Ramos e Sananduva, sendo dois professores do sexo masculino e três professoras do sexo feminino que ministram suas aulas em escolas de campo.

Através de um questionário qualitativo procurou-se compreender quais as dificuldades encontradas pelos professores nas aulas de EF. As contribuições mais relevantes, os meios e métodos utilizados para tornar as aulas atrativas. Através desta abordagem procurou-se

registrar, descrever e interpretar as opiniões dos professores a respeito da EF e as suas implicações nas escolas de Campo.

DESENVOLVIMENTO

Sabe-se que a infância não está muito relacionada com Educação conforme Charlot (1983) nos afirma, mas, também se sabe que dificilmente uma teoria da Educação é concebida sem ter uma referência á infância. Para avaliarmos o conceito de infância na EF, devemos localizar primeiramente as raízes do conceito de infância, bem como perspectivas a ela.

Vários estudos realizados por autores como Ariès (1981), Araújo (1996), nos afirma que o entendimento da realidade social e cultural da infância é mais complexo do que se imagina, então, esse contexto da sociedade atual tem generalizado uma concepção de infância abstrata, vista com período preparatório para vida adulta. Em contra partida, Gouvêa (2001), nos lembra também que a palavra infância vem do termo infant ou in-fans, que significa “não saber falar”. Então se partirmos de que a humanidade se constitui através da linguagem, a ausência dessas transmite, no sentido do termo, a ideia de que a criança é um ser desprovido de condição de relações sociais.

Todavia, apesar das limitações, alguns dados da obra de Ariès são importantes para compreendermos o surgimento do que ele institua “sentimento de infância”. Conforme Kramer (1995, p. 17-19):

(...) Sentimento de infância não significa o mesmo que afeição pelas crianças; corresponde, na verdade, à consciência da particularidade infantil, ou seja, aquilo que distingue a criança do adulto e faz com que a criança seja considerada como um adulto em potencial, dotada de capacidade de desenvolvimento. [...] Se, na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto (“de adulto”) assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa ser cuidada, escolarizada e preparada para uma atuação futura.(...)

Nesse sentido, até aquele presente momento a infância era entendida como um período curto em que a criança ganhava atenção no momento em que era mais frágil e necessitava de cuidados efetivos de um adulto. Então, mediante a todos esses conceitos de infância, na EF, entende-se a infância como construção social, que reflete nas diversas atividades humanas.

Sobre a infância na EF, o conceito é vinculado com a conotação de “preparação para”, então sabemos que o papel da EF é promover a saúde, promover o desenvolvimento integral por meio dos conteúdos e “seu” caráter lúdico e a preocupação da EF é especialmente com as crianças que frequentam classes populares (Jr, 2009).

Percebe-se que há algumas influências teóricas da EF nas escolas como: a recreação, a psicomotricidade e o desenvolvimento motor. Mas, sabe-se também, que essas influências não são trabalhadas isoladamente. Como nos afirma Sayão (1997), que o funcionamento da EF tende a uma visão fragmentária em que se destacam: a dicotomia corpo-mente, sala-pátio e teoria-prática.

Negrine (1983) nos dá a principal finalidade da Educação Psicomotora que é promover o desenvolvimento das potencialidades da criança, objetivando o equilíbrio. A EF na infância deve estar voltada para a estimulação das capacidades perceptivas e motoras. O movimento é muito considerado nessa fase por ser o “facilitador” do desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor da criança o que ajuda na aprendizagem.

A EF é enfatizada no sentido de promover habilidades básicas que contribuam para o desenvolvimento motor da criança, para isso, Ferreira Neto (1995) nos apresenta uma coletânea de textos nos quais a atividade motora é enfatizada como estímulo para o desenvolvimento por meio de elementos lúdicos.

A grande tarefa da EF é preparar a criança para ser um praticante lúdico e ativo que consiga incorporar os demais componentes da cultura corporal em sua vida, para que consiga também tirar o melhor proveito possível. Tudo isso implica compreender a organização da cultura corporal em nossa sociedade e é preciso prepará-lo para possuir uma visão crítica e poder analisar tudo o que é apresentado para as crianças. É preciso preparar o leitor/espectador para analisar criticamente as informações que recebe dos meios de comunicação sobre a cultura corporal de movimento.

Por isso, se deve a um longo prazo, levar a criança a descobrir motivos e sentidos a prática corporal, favorecendo o desenvolvimento de atitudes positivas para elas. A EF também propicia certo tipo de conhecimento às crianças, mas, não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado a uma vivência concreta. O professor de EF deve fazer com que a criança compreenda o seu sentir e o seu relacionar na esfera da cultura corporal de movimentos (Betti, 1994).

Tudo isso é um processo que possui objetivos específicos, que respeitam os níveis de desenvolvimento e interesses dos alunos. No Ensino Fundamental (1º á 4º ano), é preciso levar em conta que a atividade corporal é um elemento fundamental na vida e que uma grande motivação é de extrema importância nessa fase para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança. A partir do 4º á 6º ano do Ensino Fundamental, começa a se promover a iniciação das formas culturais dos esportes, das ginásticas, entre outros esportes e depois do 7º ano do Ensino Fundamental, a aprendizagem de habilidades mais complexas, quando

também se inicia um trabalho voltado para as aptidões físicas, entendidas como o desenvolvimento global e equilibrado das capacidades físicas como: resistência aeróbica, flexibilidade e resistência. Para as três primeiras séries do Ensino Fundamental, uma metodologia de base lúdica e que favoreça a criatividade do aluno é a mais indicada. A partir daí, muitas outras estratégias podem ser mobilizadas, em virtude das características do conteúdo e dos objetivos específicos a atingir.

Segundo estudos realizados por Caviglioli, Betti e Liz (2002), os adolescentes ao chegar ao Ensino Médio merecem total atenção, pois, como adquirem uma visão crítica já não atribuem á EF tanto crédito, Portanto a EF no Ensino Médio deve apresentar sempre características próprias e inovadoras, que considerem a nova fase cognitiva e afetivo-social atingida pelos adolescentes. Já que nessa fase esses adolescentes estão com a capacidade de análise muito presente, tudo isso permite uma abordagem mais complexa de aspectos mais teóricos, socioculturais e biológicos, requisitos indispensáveis para uma boa formação do cidadão capaz de usufruir a cultura corporal de movimentos.

No Ensino Médio, deve-se dar ênfase à aquisição de conhecimentos sobre a cultura corporal de movimento e facilitar a vivência de práticas corporais, levando em conta os interesses dos alunos. Contudo, a escolha de estratégias, bem como de conteúdos específicos, deve obedecerá os princípios metodológicos gerais (Mauro Betti, 2002).

Tarcísio Mauro Vago (2009) nos seus registros nos mostra uma reflexão da EF ao domínio da Educação. São a partir dessas condições que ele entende ser possível estabelecer relações da EF com outros domínios como saúde, esporte e lazer, para a formação das crianças, adolescentes, jovens e adultos em sua história escolar.

A escola é um lugar que não pode ser substituído e nem comparado com qualquer outro elemento/lugar. A escola é lugar de cultura, de transmissão e recepção de conhecimentos. A escola não é um lugar de lazer e sim de aprendizado.

Jean-Claude Forquin (1993) nos afirma que a escola tem vida própria, características próprias, é um mundo social, tem seus ritmos, ritos e linguagens. A escola é onde circula todas as culturas produzidas pelo ser humano.

Para Marilena Chaui a cultura é o meio para que os seres humanos se humanizem e isto acontece por meio de práticas sociais, econômicas, políticas, religiosa, intelectual e artística. Os seres humanos praticam e fazem cultura, assim produzindo eles mesmos.

Michel De Certeau (1994) considera os humanos como “sujeitos praticantes”. Sendo assim professores e estudantes ocupam lugar de centralidade na produção de escola.

Ser professor é ser um sujeito transmissor de conhecimento e entende-lo como sujeito produtor e portador de um saber. Saber esse que pode ser construído e reformulado diante a sua história de carreira. Professor e estudante têm que saber as principais práticas, que são elas; saber, ler e ouvir.

Humanos têm corpos. Humanos são seus corpos. Humanos experimentam seus corpos. Humanos usufruem de seus corpos para inventar a vida. Humanos mobilizam seus corpos em suas práticas sociais. Isso quer dizer que: o corpo é lugar da vida, de expressão, de alegrias, também de dores. Lugar de liberdade, lugar de censura, encontro do social e do singular. O corpo é forjado em presença de uma cultura. Para nós seres humanos o corpo é símbolo da realidade, de estar vivos, de poder aproveitar a vida.

Pensar no corpo é uma maneira de pensar no mundo. Pensar nos corpos das crianças, adolescentes, jovens e adultos é uma forma de pensar que a escola se projeta neles.

A EF tem o papel de reinventar, estimular, transmitir, produzir, e praticar cultura dentro da escola. As práticas da EF são clássicas, pois, desde o começo da sua história traz consigo a dança a ginástica os jogos e os esportes e foi se juntando a outras partes, por exemplo: as lutas, as brincadeiras, etc. É através das atividades físicas que o ser humano demonstra seus sentimentos, seus valores éticos, morais, estéticos, seu modo de viver, de se relacionar e constrói a sua história.

Os professores de EF têm que estar sempre em constante busca de conhecimentos, sempre se aprimorando e precisam de uma formação cultural muito boa, pois, dentro da escola lidamos com diversas culturas diferentes. Cuidado com as crianças, em sua condição de sujeito de um presente, e não de um futuro hipotético, em nome do qual muitas vezes lhes roubamos a infância. Cuidado com adolescentes, em sua rica e perturbadora transição, marcada por sentimentos diversos, confusos, instáveis, que também os tornam seres humanos adoráveis.

Cuidado com jovens, vivendo suas escolhas, seus conflitos, suas experiências, muitos deles já no mundo do trabalho, outros tantos perdendo até a capacidade de sonhar com um futuro... E cuidado com o professor.

Meninos, meninas, adolescentes, jovens, professores (as): homens, mulheres. Sujeitos de todos os jeitos. De todas as formas, de todos os corpos, de todas as etnias. Aprendizes e mestres uns dos outros. Vivendo e compartilhando experiências culturais na Educação Física.

Pensando em todas essas condições é que entramos em um assunto muito importante e no nosso estudo realizado com professores da área de EF para entendermos um pouco mais o trabalho dos mesmos nas Escolas de Campo.

A população rural é vista como dados do IBGE (2000), extremamente, esquecida e abandonada. Com o avanço do capitalismo no campo, subordinada à lógica do mercado, três princípios se desenvolveram na realidade camponesa. Primeiro, o princípio de um desenvolvimento desigual entre as agroindústrias e os pequenos proprietários. Segundo, o princípio de um processo excludente que gerou a grande massa de migrantes, os retirantes em êxodo. Terceiro, o princípio de um modelo de agricultura que produz relações sociais atrasadas e modernas. A lógica do capital gerou no meio rural, três consequências drásticas e desiguais: a concentração da propriedade e da renda, a concentração urbana com índices altos de desemprego e intensificação da violência e a dominação do urbano sobre o rural (Godoy, 2006).

Como nos diz alguns professores à teoria é parte importante para que o aluno assimile os benefícios, as regras que a atividade prática venha a existir, mas para outros professores de EF, não necessariamente para usufruir “corretamente”, mas como um favorecimento cognitivo que possa aos menos habilidosos facilitar o entendimento de jogos. Como os estudos realizados por Adriano Marzinek (2004), que nos diz que a Educação Física como disciplina escolar caracteriza-se como uma atividade eminentemente prática, mas é vinculada com a teoria que poderá servir como auxílio á compreensão e ao esclarecimento de fatores que são relacionados com a atividade física e também com regras do esporte.

Com tudo isso, alguns dos professores falaram que não existem muitas dificuldades para que aconteçam suas aulas, mas sempre haverá adversidades e peculiaridades caso não tenha materiais necessários e espaço para determinadas atividades. Algumas atividades ou práticas físicas são um pouco difíceis e interferem no trabalho realizado, pois muitas vezes o espaço físico ou os materiais inadequados tornam as aulas muito limitadas. Todas essas dificuldades para os professores interferem no aprendizado dos alunos, mas um deles nos diz que somente no aprendizado específico, pois na questão motora, cognitiva e emocional outra modalidade suprem esta lacuna.

Esses professores utilizam ações para tentar diminuir todas as dificuldades encontradas nas aulas de EF, como adaptar essas falhas, desenvolver atividades mais conscientes, através da prática de aquisição inteligente de técnicas. Também relatam que há muitas contribuições da EF tanto para dentro como fora do ambiente escolar, principalmente para as crianças de campo, onde as crianças através de suas conquistas não têm a vergonha ou timidez frente outras crianças ou adolescentes, facilitando nas áreas sociais como no companheirismo, na personalidade, no respeito com os outros e para reconhecer suas capacidades, limites e potencialidades existentes. Algo de muito importante para tudo isso acontecer é a motivação

que os professores depositam nas crianças. Segundo Rodrigues (1991), nos fala que um dos principais fatores que influenciam no comportamento é a motivação, que influencia com muita propriedade em todos os tipos de comportamentos, permitindo assim um maior ou uma simples participação nas atividades que se relacionem com a aprendizagem, o desempenho e a atenção das crianças.

Desde os primeiros anos escolares os professores acham que pode introduzir as diferentes modalidades esportivas, pois deve se tiver a consciência de material, tempo, nível exigido das crianças, para isso é muito importante estimular as crianças através de jogos e brincadeiras sejam eles competitivos ou cooperativos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's, 1997) destacam a integração deste tipo de estratégia no conteúdo escolar, principalmente de forma integrada, em diversos segmentos da EF e o meio ambiente. O espaço natural, ou seja, a floresta, a montanha, o rio, o lago, a praia e o campo aberto, dentre outros, sempre possibilita ao aluno exercitar suas capacidades cognitivas em atividades que envolvam aventura, tomada de decisão, conquistas, ludicidade e o prazer. (João Carlos Silva)

Já quando as crianças apresentam dificuldades nas aulas de EF, os professores devem valorizar o que eles conseguem, valorizando suas limitações, diferenças, mas ao mesmo tempo não se deve esconder qualquer situação, mas sim tudo isso servir para incentivá-las. Sem dúvidas a EF melhora no comportamento das crianças na escola e também externamente fora. Já para Jocimar Daolio (1996), as diferenças entre os alunos não serão percebidas pelo professor, ou serão justificadas como fruto da natureza. Algumas crianças serão consideradas como bem dotados, e outros, como menos dotados. Desse modo, a grande tarefa de professor para esse autor é a de não propiciar as mesmas oportunidades ao acesso de cultura, e sim descobrir as crianças que são “mais bem dotadas” a fim de que tenham oportunidades de chegar a uma equipe esportiva representativa da escola ou fora dela.

Para se ter aulas mais diversificadas e que chame cada vez mais a atenção das crianças, podemos utilizar a tecnologia a favor da EF, fazendo com que as crianças através de um vídeo, filme entre outros subsídios, conheçam cada vez mais o mundo dos esportes e da EF em geral. Sabemos que para se ter uma aula diferenciada é preciso ter subsídios diferenciados também, então, é aí que entra os instrumentos, técnicas, sistemas tradicionais e sofisticados que desenvolvem propostas educacionais norteadas pelos mesmos, então Winner (1987) nos afirma que:

(...) Grande parte da resposta podemos encontrá-la na assombrosa influência da ideia de “progresso” no pensamento social durante a era industrial. E que neste século que está findando acredita-se, no geral, que os únicos meios confiáveis para o melhoramento da condição humana provêm das novas máquinas, técnicas e substâncias químicas (...)

Nessa pesquisa realizada, os professores nos falam um pouco sobre a visão da direção da escola quanto a EF e alguns ainda sentem um pouco de descaso perante a uma disciplina de total importância na vida das crianças e até mesmo da comunidade em geral, por achar que ainda não são tão importantes quanto às outras disciplinas ministradas na escola, já outros se sentem livres e estimulados a participar e fazer sempre o melhor pelo seu aluno, para o crescimento de ambas as partes e com a ajuda e o incentivo vindo de casa é ainda mais gratificante o trabalho para eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na análise dos dados verificamos que os professores possuem uma grande preocupação com a qualidade dos conteúdos da EF de campo. Fundamentalmente no aprimoramento da coordenação motora, expressão corporal, conhecimentos cognitivos e aprimoramento social e afetivo assegurados nesta disciplina. Verifica-se ainda que os conteúdos da EF de campo são baseados em modelos tecnicistas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTI, Mauro, artigo: EFE: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Ano: 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>

DARIDO, Soraia Cristina, Artigo: A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. Ano: 2004. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16551>

FILHO, Hugo Tourinho. Artigo: CRIANÇAS, ADOLESCENTES E ATIVIDADE FÍSICA: ASPECTOS MATURACIONAIS E FUNCIONAIS. Ano: 1998. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v12%20n1%20artigo6.pdf>

GONÇALVES, Helen, artigo Fatores socioculturais e nível de atividade física no início da adolescência, ano 2007. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/rpsp/v22n4/04.pdf>

JR, Dante da Rosa. Artigo: Esporte e atividade física na infância e adolescência. Ano 2009. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=GmWoARciVUAC&oi=fnd&pg=PR5&dq=educa%20%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20na%20inf%C3%A2ncia%20e%20na%20adolesc%C3%BAncia&f=false>

MARZINEK, Adriano, artigo: A MOTIVAÇÃO DE ADOLESCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA. Ano: 2004. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/dissertacao/Adriano_Marzinek.pdf

MARIM, Elisara Carolina, artigo: EDUCAÇÃO FÍSICA NO CONTEXTO RURAL: PERFIL DOS PROFESSORES E PRÁTICA PEDAGÓGICA. Ano 2010. Disponível em: [file:///C:/Users/Usuario/Downloads/259-2208-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usuario/Downloads/259-2208-1-PB%20(1).pdf)

OLIVEIRA, Nara Rejane Cruz de artigo CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES, ano 2003. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/162/171>

Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano, artigo: ATIVIDADE FÍSICA EM ADOLESCENTES BRASILEIROS: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. Ano 1980. Disponível em: <http://www.ceap.br/material/MAT23022012201228.pdf>

POERSCH, Rosemere Neiva, artigo: O docente e a saúde: desafios e contribuições da educação física. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/871-4.pdf>

SOUSA, Eustáquia Salvadora de, Artigo: Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. Ano: 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>

SOARES, Carmen Lúcia, artigo: EFE: conhecimento e especificidade. Ano: 1996. Disponível em: <http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v10%20supl2%20artigo1.pdf>

VAGO, Tarcisio Mauro, artigo: PENSAR A EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: PARA UMA FORMAÇÃO CULTURAL DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE. Ano: 2007. Disponível em: <http://www.institutounipac.com.br/aulas/2011/1/UBEDF06N1/001432/000/Texto%203%20pr%C3%A1tica%20de%20esnino%20II.pdf>

VIEIRA, Valéria Cristina Ribeiro, artigo A atividade física na adolescência. Ano 2002. Disponível em: http://ral-adolesc.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-71302002000100007&lng=es&nrm=&tlng=pt